

UMA TOPOLOGIA DOS ESPAÇOS CRISTALINOS

A TOPOLOGY OF CRYSTALLINE SPACES

Carlos Ronald Oliveira de Pinho¹

Este texto tem o objetivo de investigar os limites ou as fronteiras dos espaços cristalinos a partir das formas, estruturas e matérias encontradas em seus elementos. Para fazer isso, proponho um estudo filosófico metaespacial dos Cristais em Gaston Bachelard (2001) - *A Terra e os Devaneios da Vontade*, capítulo X. O que significa dizer, em outras palavras, que serão analisadas as particularidades e universalidades destas estruturas implicando numa "Mereologia Topológica". Realizando isso, meu intento é alargar a discussão deste tópico com a seguinte afirmação: Os Cristais são Estruturas primordiais do Tempo. Corroborando com esta afirmação, uso a noção de Deleuze (2005) de "Cristais de Tempo" e de "Imagem-Cristal" localizada e colocada na obra "Imagem-Tempo", capítulo 4, mas apenas em segundo plano, visando discutir o "Devaneio Cristalino". Desta forma faço as seguintes perguntas sobre a concepção de Cristais de Bachelard: 1) Seriam os Cristais Estruturas Universais? 2) É possível que não existam Limites ou Fronteiras nos Espaços Cristalinos? 3) Seriam os Cristais Estruturas descontínuas do Tempo? Esperamos com este trabalho contribuir com o fértil debate em torno da filosofia de Bachelard.

O trabalho em questão começa com duas curiosas citações de Bachelard, uma do poeta Charles Cros: "Todas as gemas são "talismãs sem limites" e outra do escritor Luc Dietrich: "E Contém-me, profundidade sem espaço". Ao falar em limites foi provavelmente Wittgenstein que mais ficou conhecido no século XX pela frase: "Os limites da minha linguagem são os limites do meu mundo". Uma das grandes questões filosóficas e que geram inúmeras controvérsias é se as estruturas encontradas no universo e nas coisas têm limites ou se é nossa percepção destas estruturas que é apenas uma atividade organizadora da

¹ Bacharel em Humanidades pela UNILAB. E-mail: ronaldoliveiradepinho@outlook.com

mente. Considero esta discussão muito importante para a Filosofia, uma vez que se põe em xeque dois tópicos fundamentais e bastante amplos: 1) A Metaontologia e 2) A Filosofia da Mente. Claro que outras questões podem intervir e até devem nestas duas áreas, mas nosso foco neste trabalho é investigar a natureza das estruturas cristalinas, se são universais e portanto abrangentes a todos as entidades e seres ou se são particulares, específicas e divisíveis? De um lado temos o monismo, de outro o dualismo e ainda poderíamos falar em unidades múltiplas para inverter a ideia de uma multiplicidade única que recairia numa espécie de monismo. Nesse sentido, uma pergunta poderia ser suscitada: Supondo que existe um monismo, um dualismo ou qualquer outra posição, é verdade que há corpo ou espaço ou outra coisa que preencha as entidades e seres? E a concepção de que há espaço já delimita e impõe fronteiras ao mundo? E se o mundo ou os mundos possíveis não tiverem qualquer limites entre si? Tentarei responder estas questões argumentando que as Estruturas Cristalinas não possuem profundidade ou sequer superfícies e portanto não há partes nem todo no Universo. Trata-se de uma Mereologia Topológica dos Cristais.

Os Limites existem em determinados tipos de dimensões e são estruturas superficiais de dimensões específicas, singulares e particulares. A Estruturalidade profunda está composta de dimensões ilimitadas, universais, e abrangentes, mas não são elas mesmas a ilimitação, o que une ou unta as duas Estruturas é exatamente a dimensão intermediária que chamo, seguindo Bachelard e Deleuze de Estruturas Cristalinas. Estas Estruturas compõem os instantes temporais, segundo Deleuze, um cristal de tempo é composto de germes que “afrouxam os vínculos sensório-motores”, então acessando o afrouxamento, a anomalia, a ruptura é rompida pelas situações puras e sem limites:

Talvez seja assim que devemos compreender o esplendor das imagens de O Coração de Cristais em Horzog, é o aspecto duplo do filme. A busca do coração e dos segredos alquímicos, do cristal vermelho, não é separável da busca dos limites cósmicos, como a mais alta tensão do espírito e o mais profundo grau da realidade. Mas será preciso que o fogo do Cristal se transmita a toda a manufatura para que também o mundo deixe de ser um meio amorfo aplainado que se detém à beira de um abismo, e revele em si potencialidades cristalinas infinitas (“a

terra surge das águas, vejo uma nova terra...”(DELEUZE, 2005, p.94-95).

As estruturas cristalinas são circuitos compostos de entradas e saídas das imagens especulares ou virtuais, para os germes (atuais) destas estruturas, e vice-versa. Segundo Deleuze: O tempo é por natureza a conspiração da troca desigual ou impossibilidade da equivalência (DELEUZE, 2005, p. 98). Imagens-movimentos em troca com as Imagens-Tempo dissimétricas, as unidades são indivisíveis, múltiplos monismos, entre a imagem atual e a imagem virtual existem coalescências, imagens mútuas. Em Deleuze as imagens mentais não são devaneios ou sonhos, nisto diferindo de Bachelard que enxerga no devaneio um tipo especial de imagem mental que não se reduz a mente e nem se reduz a matéria, vê-se, portanto, um regime intermediário por onde se fixam os Cristais, o espaço-tempo cristalino é o objeto de contemplação do devaneante porquanto todos os outros elementos são plasmados; no fogo, no ar, na água, na terra, nas plantas, no orvalho, nas pedras, grutas e minerais. Os Cristais têm linhas de imagem que permitem passar de um elemento para o outro (BACHELARD, 2001, p. 230). O Devaneio cristalino também é chamado de devaneio constelante.

Para Deleuze, a junção do Virtual com o Atual, é a correspondência que faz com que o Virtual seja Atual. A imagem Cristal está num além da Consciência, nem se reduz a uma psicologia da matéria e nem numa fenomenologia da mente, como é encontrado, por exemplo em Bachelard. Deleuze pede que pensemos de onde a consciência retira suas imagens-lembranças, lembranças puras no tempo, mas puras imagens virtuais estão além do Devaneio? Na verdade, as imagens atuais-virtuais dos Cristais vão buscar o Devaneio e o Sonho. Para usar um termo de Bergson, as imagens cristais formam o “Élan Vital” dos seres e entidades localizadas no passado das lembranças puras. Limite interior de todos os circuitos relativos, mas também invólucro último, variável, deformável, nos confins do mundo, para além dos movimentos do mundo (DELEUZE, 2005 p.102). Estas características ou propriedades implicam na nossa pressuposição de que os Cristais são duplos, pois tem limites

internos apenas para dar sua forma, e espaços externos, que ao mesmo tempo não tem limites, por isso são espaços vazios, uma vez que são sempre variáveis e deformáveis. O tempo se vê no Cristal. É o espaço onde coincidem diferença e indiscernibilidade, a hipersfera de Cristal. As imagens mútuas e duplas, porém desiguais entre seus lados. Estas estruturas cristalinas quando em seu circuito atualidade-virtualidade se dividem formando partes puras dos pensamentos, situações imbricadas umas nas outras. Por outro lado, a descontinuidade do tempo na duplicidade da Imagem-Tempo X imagem-movimento provoca um tempo do devaneio que é puro, a este devaneio Deleuze chama de meio amorfo, ao se esvaziar a interioridade do Cristal que é meio do Germe. Este meio do Germe é ilimitado, zonas dos monstros, das aberrações, das anomalias. É na mutação temporal que se encontra o espaço-tempo da descontinuidade. O Cristal tem duas faces, uma reluzente e transparente, a outra opaca, estas estão sempre em troca ilimitada.

É o que o Prof. Gabriel Kafure da Rocha (2017) lembrou bem de Deleuze ao expressar o seguinte: “o abismo indiferenciado, o nada negro, o animal indeterminado em que tudo é dissolvido, mas também o nada branco, a superfície da calma recuperada nas determinações flutuantes que não são ligadas” (DELEUZE, 2006, p. 61). Esta oposição entre branco e preto não é tão simples de entender, o jogo entre as polaridades e ligações, o mistério das lembranças puras e o cerne da memória, aquilo que é presente tem pontas e o passado está recoberto de lençóis.

Passarei a expor aqui o que é continuidade e descontinuidade para Bachelard a partir de seu texto “A continuidade e multiplicidade temporais”. Logo de início Bachelard (2018) fala de um pluralismo temporal ou de vários tempos locais, cujo conceito central é o acaso, por isso Bachelard fala de uma psicologia da coincidência. A continuidade pressupõe uma evolução, já a descontinuidade uma regressão, mas esta dialética não é hegeliana para ser progressiva ou regressiva, trata-se de falar numa involução, mas parece que a consciência no tempo se confunde com o Devaneio. É nessas zonas confusas e indiscerníveis que o Tempo se desdobra, nesta função, nestes limites, nestes

circuitos, quer dizer, em planos mais altos da consciência em que se ultrapassa o devaneio de maneira luminosa onde o caráter lacunar é claro, e, portanto, ilimitado. Segundo Bachelard, a Alma é um acontecimento no qual a duração não tem a ver com a própria duração. O tempo psicológico é vazio, mas não somente esvaziado psicologicamente. Contudo terei que discordar de Bachelard de que o tempo puro, quanto mais vazio, mais mal conhecido ele será. Ora, o tempo é vazio, mas não somente ele, o vazio é plural, justamente porque é também o oposto do plural. A função do tempo impõe o tempo do observado e a dinâmica do observador.

As estruturas são aglomerados de componentes que compõe programas, nos quais a mente se caracteriza também como um programa, tal como as estruturas cristalinas que são as estruturas puras de pensamento. Estas estruturas, por serem, única e exclusivamente do Tempo, acabam por controlar nossa noção de espaço-tempo, e, por isso, temos acesso a um tempo que oscila entre uma realidade e uma irrealidade, de quando ele se atualiza e virtualiza. O tempo puro é composto de dimensões descontínuas por conta da desigualdade e da assimetria de suas imagens. O devaneio opera no pensamento de transposição do tempo cronológico para o tempo imaginário. O que é o irreal? Uma vez que as trocas são ilimitadas as estruturas também são deformáveis. É possível devanear uma deformação de modo a colocar na consciência as informações necessárias para a materialização do irreal, ou seja, o pensamento é quem efetua um dado na consciência e esta fornece a realidade de um fato no mundo. O Dado na consciência é real, mas o que lembro disso é irreal. Assim, a mente se conecta a uma grande memória ou centro de informações, semelhante ao que um computador faz ao processar informações.

Para que a informação seja processada ela precisa de um componente físico, isto é, o “corpo do objeto da informação de um circuito”. E o que é o corpo do objeto da informação de um circuito? E ainda mais: o que é o contrário da informação destes circuitos? É a “camada” do Irreal da consciência que segue a função Real-Irreal, Matéria-Imatéria, Atual-Virtual, Germe-Cristal, etc. A maioria de nossas imagens mentais são provenientes de devaneios sobre a

matéria, mas desconhecendo a sua primitividade, a razão prefere uma evolução cronológica. Há um romance entre cronologia e descontinuidade, neste caso, mesmo os pensamentos mais abstratos querendo entender a matéria e sua separação de seus circuitos lineares para os circuitos não-lineares. Mas a nível imaterial a consciência vai procurando mais dados dos circuitos e assim o pensamento vai sendo lançado no Cosmos em seu tempo relativo-absoluto, constituindo nossas ações mentais, isto é, a imagem tem um programa e o programa da linguagem é a imagem.

Pode-se falar em programas de programas, assim como os códigos são os conteúdos das informações, uma dentro da outra, o tempo assim vai se decompondo e o tempo da consciência vai sendo formado, temos, portanto, que o tempo é anterior a consciência, sem dentro ou fora, não confundir este tempo da imagem anterior à consciência com o tempo da consciência e o tempo dos estados mentais.

Retomando a questão dos limites, estes no irreal são inesgotáveis e até transponíveis, entretanto os limites desta forma estão na função Real-Irreal. Voltando a primeira questão se são os cristais estruturas universais podemos constatar que é possível que sim, pelo menos a nível material, e que os materiais se comunicam entre si, a estes espaços chamo de estruturas cristalinas, entretanto é preciso deixar claro que as estruturas cristalinas não são a descontinuidade em si, se é que isso é possível. Resta saber se a informação maior é a da descontinuidade, uma vez que esta é imaterial, ela também é negativa e irreal, temos o tempo imaginário puro ao inverso da matéria. A descontinuidade entre tempo material e tempo imaterial é a fenda, a fissura ou a ruptura dos espaços-tempo. A topologia da matéria depende da imatéria, ou seja, da informação negativa do tempo, de sua descontinuidade ou entropia negativa. O material dos elementos das trocas infinitas são resíduos das informações imateriais. Pensando junto com o Prof. Gabriel Kafure da Rocha (2017): “não haveria nem o não-ser como fronteira nadificante de tudo que é” (ROCHA, 2017, p. 87), é neste sentido de uma topologia do Nada que os espaços são topologicamente estudados criando assim uma topologia dos cristais, nada

mais próximo do nada do que os Cristais, porque eles têm espaços vazios, contudo poderia se perguntar se espaços vazios são nada. Nada não é vazio, nada não é ausência, é simplesmente o inverso de tudo. Se tudo for apenas isso, o oposto do escuro é o claro e vice-versa, talvez não exista nem mesmo o nada ou o tudo, havendo apenas partes.

Não consigo pensar no plano dos pensamentos em algo sem partes, ou seja, sem limites, a não ser que sejam pensamentos isolados de seus planos, ou seja um pensamento puro. Os pensamentos não são o mesmo que estruturas lógicas, pensamentos não estão divididos, não penso ou escolho pensar nas estruturas lógicas destes pensamentos, mas quem garante que não existam estruturas *a priori* dos pensamentos? A não ser que seja como Kafure diz: “Para ele (Bachelard), a noção de continuidade seria justamente uma não possibilidade atômica do vazio e do nada, ou seja, das interrupções que existem no campo espacial entre os objetos” (ROCHA, 2017, p. 87). Para isso, nós fazemos uma experiência de domínio do Devaneio, de controle da consciência, pois mesmo que os cristais tenham vida além de nós, eles se comunicam o tempo inteiro. Sem isso as visões que temos serão tidas apenas como alucinações, resume-se desta maneira as enormes potencialidades psíquicas e espirituais do homem. Homem é mente, mas também é espírito. O objetivo é tornar lúcidas nossas experiências com a consciência.

Um dos temas fundamentais sobre a topologia cristalina é que ela é uma topologia da memória, a revista tempo brasileiro de número 95: “Identidade e Memória”, apresenta o texto de Rogério da Costa (1988, p 87): *Topologia e Memória*. Embora o autor esboce uma ideia de espaço para além do espaço Euclidiano, ele falha em sua fórmula tanto sobre o tempo como sobre a memória. Esta interpretação errônea deve-se ao fato de que o autor em questão somente analisa a duração da memória em relação a seus limites externos e internos, o tempo portanto é cronológico e linear. Na nossa perspectiva o tempo e a memória são vidas ainda que instáveis e mutantes das estruturas. Na verdade, a vida é instabilidade em certo sentido, pois não temos controle sobre o tempo e muito menos sobre nossas lembranças ou memórias. Neste sentido

espaços-tempo externos e internos não são mais limites, ou superficialidades e profundidades, se e somente se o tempo for descontínuo. Desta forma, o *expressum* da memória não pode ser apenas passado, presente e futuros isolados, visto que eles estão imbricados entre si, de modo que podemos falar em um passado do presente ou o inverso e assim com cada fase da memória. Mas como seria a memória cristalina? Na descontinuidade o presente é fugidio, ele passa imediatamente diante de si e logo se transforma em passado e salta para o futuro antes mesmo que se cristalize enquanto presente. A dinâmica neste caso é a própria “estrutura” da descontinuidade que ao contrário de Bergson, a sucessão ou a progressão não se cristaliza no presente, pois não possui continuidade. Na expressão de Deleuze: o presente forma pontas. Para Costa (1988) o passado é contemporâneo do presente que ele foi, este se constitui então no paradoxo fundamental da memória. Para resolver isto, Costa, propõe a terceira Tese de Bergson em que: o tempo se desdobra a cada instante em presente e passado, presente que passa e passado que se conserva (COSTA, 1988, p. 91). Podemos dizer que o tempo sem dobras, sem dentro ou fora, sem superfície ou profundidade é o tempo descronologizado, o tempo do acaso. Este é o tempo imaterial da consciência, é infindável, eterno, o eterno devir como lembra Rocha (2017), é o Éter ou o Elixir da Alma no qual se efetua imagens mútuas que segundo Bachelard é uma troca entre irreal e matéria. Costa parece chegar próximo do que queremos explicitar, mas infelizmente parece desconhecer que a descontinuidade exige uma outra topologia sem dentro e sem fora, sem superfície ou profundidade.

A ideia de limites recorre a um circuito ou a vários circuitos que em Bachelard poderia se falar de espaços como a casa com seus compartimentos, as partes que revelam uma paisagem, a arte enquanto decomposição de um espaço. Neste sentido, pode-se falar que há uma mereologia dos espaços, ou seja, um traço topológico das dimensões destes limites. Assim surge a noção de territórios e a proposta de Deleuze de realizar uma desterritorialização como forma de expandir os limites e torná-los ilimitados.

Como diz Rocha (2017) sobre a Casa da mente humana ou vice-versa,

como algo que fosse a mente humana de uma Casa, mas discordo que haja somente corpo, pois se assim for, Bachelard fugiria de sua própria proposta, que de forma alguma é: um fisicalismo redutor, pois a paisagem é um estado da Alma. Podemos dizer que cada ente tem sua própria paisagem como uma áurea do objeto, além da imagem mental ou do pensamento daquele objeto. Assim, Rocha (2017, p. 91) curiosamente pergunta: “Em uma imagem alegórica, em que medida a água no gelo é água e o gelo na água é gelo?” Isto é bastante difícil de responder, pois o que a maioria enxerga como separada, na verdade estão em coalescência. Até para um hábil investigador do oculto isto é difícil. A sentença de Kafure é quase como um mandamento: “É preciso preencher e esvaziar os espaços no sentido de mantê-los abertos para outras visitas ou habitações” (p. 93), mas não acredito que o nada seja sem habitação, pois o nada é ilimitado, é onde a contingência “mora”. O nosso desconhecimento não implica que não haja habitantes no nada, Bachelard diz que os habitantes do nada são seres heteróclitos, os hábitos são os limites em que nos encontramos em meio as coisas.

O Cristal tem dois tipos de nada, o nada relativo e o nada absoluto. No nada absoluto não existem portas, chaves ou entradas e saídas, mas o nada absoluto é tão fugidio e instantâneo que logo se transforma em um nada relativo que se relaciona com o Cristal. Ora, se se relaciona, paradoxalmente, então não é um nada, temos então que o nada relativo para ser relativo precisa se relacionar com o nada absoluto. Se a relatividade se relaciona com o absoluto, então o absoluto já é cindido pela relatividade, mas na função Real-Irreal o absoluto permanece inalterado, embora se relacionando com a relatividade. Até aqui foi escrito mais sobre o nada relativo do que sobre o nada absoluto, teríamos que descer até o hinduísmo para explicar tal noção, como Brahma em essência sempre mutável.

PARTICULARIDADES:

Propriedades nesta metaontologia (ROCHA, 2020) enquanto topologia expressam configurações, ligações, interconexões mínimas, finas, reluzentes unidas ao material grosso que são as estruturas profundas ou o próprio expressum dos dados. Enquanto estrutura particular ela traz a imagem-lembrança, passado em geral, ela liga as pontas, pontes e conexões de pensamentos às linhas de imagens. Que existem verdades particulares incidindo nas verdades mais gerais parece certo e que verdades particulares são reminiscências de verdades gerais mais certo ainda, contudo os espectros dos Cristais são duplicidades das proposições onde as estruturas intermediárias são vagas, com isto quero retirar o teor de malgrado da vagueza, as vaguezas implicam sorites. Estes *sorites* são proposições vagas, segundo a Enciclopédia de Termos Lógico-Filosóficos: a vagueza implica (por definição) a ausência de fronteiras distinguindo entre as várias zonas de aplicabilidade de um predicado. Isto quer dizer que para nós a estrutura dos cristais, do vazio ou do vácuo não tem aplicações limitadas pelos seus predicados, visto que a aplicação dos predicados são ilimitadas, isto é, não são os predicados em si mesmos que são ilimitados, mas as suas aplicações.

Quando, por exemplo, alguém se diz calvo, se esse alguém tem um fio na cabeça é certo que ele é calvo. Mas se houver um fio a mais, este permanece calvo, sendo assim em uma progressão infinita, se tiver três fios, ele será calvo, então quando o sujeito deixa de ser calvo? Dá-se que ser calvo é um predicado vago. Outro exemplo mais claro é de um punhado de areia. Se retirar um grão o punhado deixa de ser punhado? Boa parte ou a maior parte dos predicados, nesta medida, são vagos e imprecisos. Frases como: 1) O Céu é Azul turquesa, 2) Os paraísos dos pássaros são azuis turquesas, 3) Logo os pássaros têm céus azuis turquesas, implica que céus são paraísos e que estes são azuis turquesas, mas de onde surgiu os Pássaros? Ou que existem céus de um céu? Desta forma, se se decompõe a maioria das frases percebe-se que a grande parte são vagas. Se a maioria das frases são compostas de sentenças com predicados vagos, e se

a vagueza implicar vazios de estruturas lógicas, então é de se supor que a maioria das estruturas lógicas são por isso vagas e vazias. Pode-se imaginar que o vazio não seja uma estrutura. Percebe-se uma certa circularidade nestes argumentos. Isto quer dizer que existem outros argumentos que não são circulares, mesmo sendo vagos e vazios. Sorites é naturalmente um problema de fronteiras, portanto mereológico. Desta feita é possível afirmar que existem ilimitados vazios nas estruturas lógicas, uma vez que as suas sentenças não existem no mundo tal como o que elas representam. A topologia defendida neste texto é de uma apresentação e não de uma representação. Neste sentido, as sentenças são coisas no mundo, mas não tais como o que elas representam, por isso as sentenças são coisas apresentadas ao mundo. Com isso temos um profundo vazio que é apresentado, mas não representado, é o problema da cesura ou do abismo intransponível entre estruturas e coisas no mundo. As estruturas estão comumente divididas entre abstratas e concretas, em que as abstratas são qualidades, números, etc, e as concretas são mesas, cadeiras, sofás, etc. Então surge a grande questão sobre o que conecta coisas no mundo às estruturas lógicas, se elas forem realmente concretas, com coisas do pensamento e portanto abstratas. Nossa defesa aqui é que existem infindáveis formas de conexão entre coisas no mundo e coisas no pensamento.

O Cristal em determinadas circunstâncias pode fazer esta conexão não fazendo mais sentido falar em abstrato-concreto ou externo-interno. Comumente diz-se que as partes são particulares enquanto o todo é geral ou universal, mas para nós, em relação a descontinuidade do tempo não existem universais e nem particulares delimitados, e, portanto, a topologia deles são ilimitadas, uma vez que ambos são divisões. Primeiro é preciso estabelecer que objetos abstratos possuem localização espacial e não somente os concretos e que objetos abstratos não são necessariamente necessários. Portanto, é falha a ideia de que abstratos são contingentes e concretos não são, também o oposto não é o certo, mas sim que situações chamadas contrafactuais são o que elas poderiam ter sido, neste sentido estas situações são puras e cristalinas. Com isso quero dizer que particulares e universais, concretos e abstratos, grosso e fino, superfície e profundidade, são especialmente materiais, não se aplicando

a estruturas imateriais como já referido neste texto, tanto quanto informações. Me parece que objetos abstratos são mais próximos da descontinuidade do tempo, uma vez que são interacionalmente causais, isto é, nem estão ligados por sucessões de causas e nem de efeitos. Seguindo este argumento não haveria conexões entre abstratos e concretos, na medida em que um não implica no outro. Este argumento parece muito convincente, mas é falho. Descontinuidade, entretanto, não implica contrariedade ou impossibilidade de co-existência, por exemplo, cores ou aromas pertencem a objetos? Deleuze chama a brancura ou o azul de blocos de sensações ou de perceptos. Um objeto pode deixar de ser branco sem que se implique o seu desaparecimento. Disto não posso dizer que as estruturas cristalinas sejam universais ou particulares porque elas não são externas ao tempo tampouco internas, respondo então muito brevemente a primeira questão deste artigo: “As Estruturas Cristalinas são Universais”? Permanece, contudo, a segunda questão que está imbricada na primeira: É possível que não existam Limites ou Fronteiras nos Espaços Cristalinos?

O que temos até o momento não é suficiente para responder a tal pergunta. Me esforçarei, contudo, para defender que certos espaços mentais são estados mentais em que as percepções são ilimitadas, isto é, estão além de objetos físicos e de espaços que possam ter entre estes. A posição aqui é que a mente produz estes espaços peculiares, como estruturas das sensações, tais como gosto, cheiro, olfato, etc. Não seria absurdo dizer que meu cheiro olhou para mim, que ouvi meu gosto escutando ou que a música era sentida a um quilômetro de distância pelos poros da minha pele. Com isso parece que se explica o fato de ficar “arropeado” ao escutar determinada canção. Este estado mental é chamado de Sinestesia e muitos outros estados, “fenômenos” ditos “sobrenaturais” são absolutamente possíveis, tais como telecinese e telepatia. Se os seres e entidades são sencientes, ou seja, se uma planta, por exemplo, tem qualidades próprias de serem plantas idênticas aos seres humanos, então elas sentem dor, alegria, tristeza, não a toa os antigos dizerem que o leite da planta é um cheiro e a seiva sua circulação. Assim também é curioso como os peixes e a maioria dos seres do reino animal sentem o que os humanos sentem.

Este sentir não os torna humanos, mas tal como eles onde o orvalho é um fruto. Outro magnífico livro de Bachelard (1998, p. 36-37), *Água e os sonhos*, que faz-nos pensar que a matéria oscila entre repouso e vontade. A matéria tem sua dupla função penetrante no irreal e imaterial, quando uma rosa enxerga, por exemplo. “Mas, para o sonho do poeta, é preciso que as flores vejam, já que se miram na água pura”. Podemos dizer com toda segurança que a rosa olhou para ela mesma em minhas águas. Como são plácidas estas visões. Mas é preciso que o poeta faça uma psicologia da imprecisão nas imagens para que brote a cintilante força da imaginação, o filósofo meramente intelectual não compreende estas coisas.

Bachelard fala de centros de linguagem que por serem precisos criam uma “cristalização objetiva”. Bachelard também fala dos espaços da intimidade, os espaços mentais em que se realizam estes espaços ou ainda os espaços da Alma íntima de si mesma, de Topofilia. Estes espaços são falados na *Poética do Espaço* (1993, p. 17) como uma concentração do ser no interior dos limites que o protegem [...]. Mas os limites facilmente se distraem...faz-se, portanto, uma topoanálise enquanto espaço físico da mente, a mente é um dos locais mais íntimos do ser, nós não dizemos tudo que pensamos, nem para nós mesmos. Assim, os estados íntimos da matéria incidem em nossos espaços mentais resultando numa psicologia da intimidade. Com efeito, os espaços da intimidade são tão íntimos que não possuem um dentro, um interior ou um fora exterior, extroverso ou introverso.

Nesta medida um devir da vontade não tem necessidade de matéria. Em *Ar e os sonhos* (1990, p.170-171) não há limites entre consciente e inconsciente. As zonas dos devaneios são os limites dos sonhos, visto que os sonhos são anteriores a essas zonas. O sujeito devaneia e depois contempla. Mas contemplar objetos em repouso exige uma meditação mais profunda que contemplar objetos em movimento.

Temos que há duas imagens: a imagem-tempo e a imagem-movimento. Deleuze dedica dois livros a estes mistérios das imagens duplas e Bachelard diz em *Terra e os devaneios da vontade*, assim: “Os cristais ilustram com muita

clareza a dupla polaridade dos interesses pancalistas” (BACHELARD, 2001 p.292). O Dicionário Bachelard de Agripina (ALVARES-FERREIRA, 2013) diz no verbete, Pancalismo: “O pancalismo é uma vontade de querer e de ver em tudo o belo”. Como explicar que o devoto queira e acredite na imagem sem que haja idolatria? É que querer implica enxergar uma beleza inexplicável, a beleza da vontade que movimenta a matéria. Viver a imagem implica numa purificação dos limites, ao ponto em que ele tornar-se-á a passagem de um realismo grosseiro para um realismo científico. Esta passagem segue um circuito de realidade e ilusão, são neste caso duas aproximações, justamente por isso, por serem aproximações que não se reduzem nem propriamente a realidade e nem a ilusão. A simetria quimicamente falando é própria de estruturas impuras e se dá numa primeira aproximação, isto é, quando se aproxima da realidade.

Em contrapartida a operação de purificação se torna no limite, essencialmente ambígua em *A Filosofia do não* (1974, p.4). É por isso que optamos mediante esta ambiguidade, pela extensão do limites ao infinito. Bachelard diferencia o conhecimento grosseiro da ciência materialista do conhecimento refinado de uma nova ciência, mas este espaço onde se desenvolve esta nova ciência, que se pode chamar de espaço das configurações químicas, parece metafórico, além disso Bachelard nos fala de uma geometria do pensamento em oposição a uma geometria analítica ou dos esquemas. Para mapear a realidade é preciso realizar uma função em oposição a representação, opta-se por isso em uma funcionalidade cristalina, para fins deste texto a função transpõe real em irreal e vice-versa.

Em “O novo espírito científico”, página 134, Bachelard aponta para onde queremos chegar: Karl Pearson dizia do mesmo modo: a matéria é o imaterial em movimento (*Matter is non-matter in motion*). Bachelard também tece um novo tipo de realismo, suponho ser um extra-realismo, mas essa descrição não seria suficiente para expressarmos o que queremos, uma vez que um extra-realismo implica num intra-realismo, a realidade quando caminha para o irreal não possui estas duas dimensões. Ultrapassa-se o realismo da energia e o realismo da matéria pelos dinamismos da imagem, para isso é preciso fazer um

“despovoamento do espaço e do tempo” em *O Novo Espírito Científico* (1974 , p.122). A energia para Bachelard é intemporal, me esforçarei, contudo, para provar que isto é errado, em vista dos avanços da Física Contemporânea. O imaterial não é energia nem matéria, claro, é pois, informação. Talvez, Bachelard, não tenha acreditado nos poderes imateriais da mente e da matéria, mas fica subtendido a compreensão da informação, o que não significa que ele tenha correlacionado bem ao imaterial com a informação. Ainda em o “Novo espírito científico”, capítulo IV, (1974, p. 132), Bachelard usa a seguinte expressão: “Dupla informação da experiência”. Seria exagerado postular que uma expressão como essa explique a dupla função Real-Irreal, mas é na física probabilista que se caminha em direção a um estudo sobre física da informação não substancialista. A descontinuidade do tempo não implica que não haja um tempo e espaço contínuos, eis as estruturas cristalinas tão usadas pelos poetas! Eis o contrário da informação ou da informação positiva, a informação negativa. O que quer dizer que a descontinuidade é o campo por onde trafega a informação negativa. Bachelard diz na página 40 da “Filosofia do Não”:

A partir de agora podemos entrever que uma substância que perdeu ao mesmo tempo a continuidade do seu ser e a continuidade do seu devir já não pode submeter-se a uma informação, de acordo com o realismo ingênuo, na base duplamente contínua de um espaço contínuo e de um tempo contínuo. (BACHELARD, 1974, p. 40).

A substância quando perde o ser, isto é, quando se volta para o não-ser e para o nada atinge o espaço-tempo descontínuo. O prolongamento do ser e do devir perde a sua ingenuidade e avança de forma sóbria para novas terras ou novas águas, novos elementais, novos objetos, nova geometria, etc. Num “Espaço Aniquilador” para a luz, como os espaços monstruosos da imaginação. O Negro que se opõe ao Branco e se chocam mutuamente. Esta é a zona do provável e do não-casualismo. A microfísica investiga agora a informação irreal. Sobre o princípio da Incerteza de Heisenberg, Bachelard, diz na “Filosofia do Não”: seria por assim dizer negativo no que se refere à informação realista, porque compreendemos que ele não podia desempenhar qualquer papel na experiência comum. (BACHELARD, 1974, p.62). Então, se a incerteza em relação ao Real é negativa, é porque a incerteza trabalha com o Irreal. A

imaginação tem o papel de deformar o Real, ora aumentando as fronteiras, ora diminuindo como numa contração materna de natureza calorífica, o irreal parece mais próximo de nós, o milagre do nascimento, da fecundação, a informação da alma incorporando a matéria. Quando o pensamento é anterior a experiência. Podemos dizer que a experiência possui a informação positiva, então qual o inverso da informação, e, portanto, do pensamento? A informação negativa. É necessário uma Matéria da informação, uma energia da informação, uma ondulatória da informação e uma microfísica da informação para expressar o tempo do pensamento, como um éter descontínuo. Parece adequado falar em um duplo acesso da informação em seus corpúsculos espirituais:

Este duplo sucesso servia então de prova para mostrar a pertinência da razão, para mostrar a eficácia das categorias do espírito na informação da experiência. A ciência clássica, concebida como um prolongamento do senso comum, da razão comum, clarificava as opiniões, precisava as experiências, confirmava os conhecimentos elementares. Se se refere a ciência clássica, a técnica clássica para provar a permanência de uma estrutura espiritual, encontrar-se-á um grande obstáculo ao entrar num novo domínio científico em que faltam princípios. (BACHELARD, 1974, p. 86).

Deste modo, a informação não é racional no sentido de uma intelectualização das abstrações, uma vez que na racionalidade há um endurecimento psicológico. Quer dizer, a informação é surreal como os minerais, cristais e pedras preciosas, topázio, ametista, cobalto e o irreal são os germes. A racionalidade. Fala-se de uma microestrutura dos microcristais, das gotículas, etc.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ FERREIRA, Agripina Encarnacion. **Dicionário de imagens, símbolos, mitos, termos e conceitos Bachelardianos**. Londrina : Eduel, 2013.

BACHELARD, Gaston. **A filosofia do não; O novo espírito científico**. Coleção Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

BACHELARD, G. **O ar e os sonhos** - Ensaio sobre a imaginação do movimento. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BACHELARD, G. **A poética do Espaço**. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BACHELARD, G. **A água e os sonhos**. Trad. Antônio Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BACHELARD, G. **A terra e os devaneios da vontade**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BACHELARD, G. **A terra e os devaneios do repouso: ensaio sobre as imagens da intimidade**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BACHELARD, G. “A continuidade e a multiplicidade temporais” [Trad. de Fábio Ferreira de Almeida]. In: SALOMON, Marlon (org.). **Heterocronias** -Estudos sobre a multiplicidade dos tempos históricos. Goiânia: Edições Ricochete, 2018.

COSTA, ROGÉRIO DA . Topologia e Memória. **Tempo Brasileiro** , Rio de Janeiro, v. 95, n.5/8, p. 87-93, 1988.

DELEUZE, Giles. **Cinema 2: a imagem-tempo**. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DELEUZE, G. **Diferença e repetição**. Trad. L. Orlandi e R. Machado. Rio de Janeiro, RJ: Graal, 2006.

ROCHA, Gabriel Kafure. Bachelard e Deleuze: (des)continuidades geofilosóficas. **Cadernos Cajuína**. v. 2, n. 2. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.52641/cadcaj.v2i2.152>

ROCHA, Gabriel Kafure da. **Metaontologia dos espaços: uma aproximação geopoética por Bachelard ao encontro de Heidegger**. 2020. 219f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020.

Recebido em: 06/2021
Aprovado em: 08/2021

